

## Feliz Aniversário: um paradoxo entre Experiência e Aparência

Aristelson Gomes dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Nesse trabalho procuramos discutir a questão da mediocridade de seres ficcionais quando postas na relação entre *experiência* e *aparência*. Esta é uma linha tênue que a escritora Clarice Lispector estabelece ao colocar como protagonista uma velha, na comemoração de seu aniversário em companhia dos filhos e noras, entretanto, ambos com visões e posicionamentos diferentes. A *experiência* é colocada em xeque ao ser confrontada por pessoas que tinham como preocupação a *aparência*. O conto “Feliz Aniversário” proporcionou uma possibilidade de interpretação que nos levou a discutir sobre o paradoxo vivido pelos personagens entre experiência e aparência. Tudo que é descrito no conto é significativo para percepção da mediocridade que existe em cada personagem da narrativa.

**Palavras-chave:** capitalismo, experiência, aparência.

**Abstract:** In this work we try to discuss the issue of mediocrity of fictional beings when put in the relationship between experience and appearance. This is a fine line that the writer establishes when she chooses an old woman as protagonist, in the celebration of her birthday in the company of sons and daughters, however, all of them with different views and positions. The experience is put into question when confronted with people who had as concern the appearance. The short story "Feliz aniversário" provided a possibility of interpretation that led us to discuss the paradox lived by the characters between experience and appearance. All that is described in the story is significant to the perception of mediocrity that exists in each character of the narrative.

**Keywords:** Capitalism, experience, appearance.

---

<sup>1</sup> Aristelson Gomes dos Santos ([aristelson\\_tel@hotmail.com](mailto:aristelson_tel@hotmail.com)), graduado no curso de Licenciatura Plena em Letras na Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Campus Universitário de Pontes e Lacerda- MT.

O que propomos neste estudo é fazer uma interpretação do conto “Feliz aniversário”, que está no livro *Laços de Família* (1998), da escritora brasileira Clarice Lispector, com o objetivo de mostrar o posicionamento da protagonista, Anita, com seu olhar perscrutador, ao fazer uma reflexão sobre a vida das pessoas que estavam à sua volta. A história se passa em uma casa num bairro nobre do Rio de Janeiro – Copacabana – lugar em que a velha, figura central do conto, morava. A família, vinda de outros bairros da cidade, resolve se reunir para comemorar o aniversário de Anita que estaria completando oitenta e nove anos de idade. A história começa a se delinear a partir desse encontro formal, que a princípio, o leitor chega com a ideia de se tratar de uma feliz festa de aniversário, pois é o que vem impresso no título do conto: “Feliz aniversário”, porém, no desencadear da narrativa a ideia de festa feliz toma outras proporções.

Como se percebe, este é um conto que desde a tematização já traz a ideia de que seja uma festa de comemoração a um aniversário, em que os integrantes da família de Anita se reúnem para “festejar” o aniversário da matriarca. Partindo desse pressuposto, buscaremos trabalhar com o contraste da visão da matriarca em detrimento à visão capitalista dos filhos, ou seja, o paradoxo entre experiência e aparência. Logo no início do conto percebe-se que há uma quebra no ritual da comemoração. As pessoas, ou seja, os filhos e noras da velha não foram exclusivamente para comemorarem o aniversário, pelo contrário, aproveitaram a ocasião para fazerem um passeio em Copacabana tentando se promoverem dentro daquele ciclo social. É desse posicionamento que a velha filtra através de seu olhar experiente as intenções de cada um naquele local. Este é o ponto fulcral em que a experiência é testada com a aparência, e assim o contraste se estabelece entre os personagens na narrativa.

Ao falar em contraste, logo de início encontramos isso funcionando no tema, dissemos que pela tematização já trazia a ideia de um ato de comemoração. Aqui levantamos as seguintes questões: até que ponto aquela reunião dos filhos e noras da velha poderia ser uma comemoração? Se no título do conto descreve sobre “Feliz aniversário”, porque o narrador nos leva a repugnar as ações dos filhos da matriarca e ficar do lado da velha, sendo que o assunto visa tratar da felicidade?

Partiremos dessas inquietações e buscaremos traçar um caminho de interpretação para compreendermos estas situações que são vivenciadas pelos personagens dentro da narrativa. Logo de início, o narrador nos convida a seguir a narração voltando o nosso olhar para a valorização da velha, pois as primeiras frases do enredo começam mencionando o motivo daquela visita por parte dos parentes, que vieram de Olaria que, ao mesmo tempo

aquele ato significava um passeio à Copacabana. Desse modo, fica claro que os familiares da matriarca foram ao aniversário não por conta da aniversariante e, sim pelo *glamour* do lugar em que a velha morava. Para ficar ainda mais evidente esta questão o narrador faz com minúcias a descrição dos trajés dos visitantes, todos muito bem vestidos para causar uma boa impressão nos outros. Entretanto, tudo fica no campo das aparências, na superficialidade ética e moral de cada um, porém é do olhar perscrutador da velha que aparece a sordidez e a falta de caráter que todos carregam.

Esses detalhes são colocados no enredo para que, com base neles, o olhar da velha possa cada vez mais se aprofundar e ver o que está além da estética física, ou seja, do ideal de pessoa que aqueles personagens tentam representar. Os personagens valendo-se desse pretexto, de se apresentarem o que eles não são, terminam deixando que seus atos mostrem o que realmente eles são. Isso fica óbvio quando a nora, vinda de Olaria diz a Zilda: “Vim para não deixar de vir”, nessa fala fica claro que para ela aquela comemoração não tinha importância alguma, e que estava ali como que se estivesse cumprindo apenas uma obrigação.

Tudo isso vai desencadeando no conto um grau de repugnância, tanto por parte do leitor quanto por parte da velha, que passa a enxergar naquelas pessoas a falsidade e a falta de caráter. Pensando na questão da falta de caráter humano, precisamos nos situar no conto para saber de qual perspectiva a velha enxerga esse defeito nos outros personagens. Para isto, o narrador no quarto parágrafo do conto faz questão de mostrar o lugar em que a velha está, para que a partir daquele ponto ela possa perceber as ações de seus familiares e tirar uma prova contundente do que eles são. A velha estava assentada à cabeceira da mesa que estava posta na sala, ou seja, desse lugar a matriarca tinha a visão de um todo e de tudo o que acontecia naquele espaço. Além disso, a posição da velha à cabeceira da mesa trás a ideia de maioral naquele momento, mas esta posição é sucumbida pela falta de importância dos que estavam à sua volta lhe dava.

Se formos fazer uma descrição estética da obra, há um espaço onde ocorre toda narração, é um ambiente pequeno – a sala de jantar que se configura como mínimo, mas é o lugar que condiciona a personagem, a velha, ter uma visão de tudo que se passa naquele local. O local também é de grande importância, pois era nele que todos deveriam reunir para confraternizar com a velha a passagem de mais um ano de vida, seria um espaço que estava preparado para celebrar a felicidade, mas as pessoas que aglomeravam a sala não estavam preocupadas da importância daquela senhora. A velha parecia efêmera aos olhos dos filhos e noras, pois já não se encaixava nos padrões de vida que eles viviam.

Tratando sobre o espaço, também podemos fazer uma junção deste com o tempo, em que ambos configuram na condição de dar sustentabilidade ao enredo. Isso é uma característica particular de Lispector, em levar os seus personagens a transitarem em um espaço mínimo e vivenciarem num tempo psicológico experiências, ou expor situações que estão para além do visível. Mesmo que no conto enfatize uma passagem do tempo cronológico – a celebração dos oitenta e nove anos de Anita – é o tempo psicológico que ganha maiores proporções, pois é ele que condiciona a personagem viver num tempo em que se faz necessário buscar uma reflexão que ultrapassa a exterioridade. Para entendermos essa relação que foi levantada sobre a reflexão, precisamos nos embasar nos estudos de Bachelard (2008), em que o estudioso discute esta questão, mostrando que o sujeito deve entrar em si mesmo para se situar e refletir sobre sua própria existência, ou seja, buscar no espaço mínimo a essência da vida. Para tanto, a casa é um lugar de extrema importância para o estudo de Bachelard, e não obstante é dentro desse lugar que a velha faz suas reflexões. Nas palavras do estudioso a casa é um lugar proeminente para reflexão, “porque a casa é o nosso canto no mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos”. (BACHELARD, 2008, p.24). É juntamente na casa que Anita se sente rejeitada pelo olhar do outro, o lugar que ela criou todos os filhos que agora chegam apenas para cumprir um protocolo fantasiado: comemorar o “Feliz aniversário”.

Trazendo uma reflexão sobre a existência do personagem, podemos trabalhar a questão do paradoxo que é vivenciada por Anita em detrimento dos integrantes de sua família. Para seus filhos, que tinham suas visões pautadas no capitalismo, a velha não passava de um incômodo, ela agora era menos que uma criança, ou seja, não tinha mais nenhum valor funcional para sociedade. É justamente esse sentido que queremos enfatizar em nossa interpretação, pois aqui entra em jogo toda uma concepção que foi construída desde os tempos clássicos com relação ao velho. Se formos levar em consideração a questão do velho num contexto clássico, ele era visto como um detentor do saber, portanto deveria ser respeitado. Na Grécia antiga, o velho era visto como uma referência na sociedade, exemplo disso é o poeta Homero um dos grandes nomes da literatura clássica, nele estava toda uma concepção de sabedoria que precisava ser repassado às demais pessoas.

Por outro lado, na contemporaneidade o velho perdeu o seu prestígio e deixou de ser visto como um “poço” de sabedoria e experiência de vida para os demais, ou seja, o velho não é visto como importante para a sociedade atual. Como citou Benedito Nunes, num comentário sobre o livro de Ecléia Bosi, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*,

A sociedade industrial em que vivemos rompeu esse liame [de elo entre gerações], desvalorizou o saber de experiência, corroeu a memória coletiva, desvalorizou a lembrança; portanto, desapossou a velhice de seu dom à sociedade e à cultura. Da natural condição de sobrevivente de uma geração que ele é, [...] o homem idoso, porque improdutivo [...] passa, acobertado pela etiqueta clínica da “terceira idade”, ao anonimato dos excluídos sem voz.

Mesmo sabendo dessa condição, Anita consegue se desvencilhar desta etiqueta da “terceira idade” e lançar um olhar profundo no que estava para além do visível nos integrantes da família. O que os movia era apenas o jogo de interesses que poderia ocorrer naquela festa protocolar. Devemos associar que provavelmente a velha tinha posse de alguns bens, já que morava num bairro nobre do Rio de Janeiro, portanto, isso despertaria interesse por parte daqueles indivíduos. Tal posicionamento vem para reforçar a ideia de que aquelas pessoas eram movidas apenas pela aparência e não por uma questão de respeito à mãe aniversariante. Nesse momento, a velha passa a fazer um juízo de valor sobre os “visitantes” através de uma introspecção que faz mostrar ao leitor o lado desumano daqueles indivíduos. Este é um trabalho individual, solitário e introspectivo da velha que atesta o valor estético de Clarice Lispector, defendido por Benedito Nunes.

O processo da vida individual, presente nos romances de Clarice Lispector, não se esgota nos conflitos psicológicos, naquilo que se poderia chamar, de acordo com Lukács, a dimensão biográfica do romance. A história dos personagens enquanto indivíduos é, para Clarice Lispector, um meio de acesso à dimensão recôndita, secreta, da existência, que já possui significado ontológico. Vemos o que é pessoal e subjetivo em cada indivíduo refletir uma realidade profunda, impessoal e transcendente. (NUNES, 1976, p. 117).

Os acontecimentos parecem surgir de um lugar simples – uma festa de aniversário – no entanto, a escritora coloca a personagem velha como um meio de acesso à situações que tem uma dimensão que foge a exterioridade. É de uma visão interior que vai possibilitar à velha ver que os seus filhos se preocupam apenas com o exterior, em se mostrar aparentemente bem para os demais que estavam presentes. Essa questão não fica explícita no conto, mais é por meio da multiplicação de “matizes” que uma obra literária pode proporcionar que delineamos nossa perspectiva a construir essas interpretações. Percebemos também que estas questões não são tão fáceis de serem percebidas por uma visão do senso comum, é preciso verticalizar a percepção para encontrar tais elementos dentro da obra.

Outro fator importante para ser trabalhado dentro do conto é a questão do diálogo, algo proeminente na construção da narrativa. Para explicar sobre este assunto nos

embasaremos no que Bakhtin (2002) descreve sobre os discursos/diálogos que são estabelecidos na relação comunicativa dos homens, nesse caso, os diálogos que estão impressos no texto literário, como um ambiente de relações que estão sendo travadas entre os integrantes da família. Nesse sentido, o estudioso faz uma discussão relacionando o diálogo de um personagem se configurando como o “eu” que fala, mas que este, está condicionado a partir do discurso do “outrem”. Isso significa dizer que, o “eu” tem uma atitude perante o mundo em que ele está inserido assim como também o “outro” faz parte desse mesmo mundo, mas que é nesse “outro” que o “eu” vai firmar o seu discurso. Desse modo, o “eu” se constitui a partir do “outro”, tal funcionamento nos personagens é visível através da profunda reflexão que a velha faz de seus familiares na “suposta festa” de seu aniversário.

Levando em consideração esta questão, podemos perceber que a velha não embasa em si própria para repassar seu fluxo de pensamento, ela passa por todo processo de reflexão a partir da visão que tem do outro que lhe está condicionando levantar toda aquela indignação. Podemos pensar também que, no conto temos duas perspectivas de mundo, uma da velha e a outra dos seus filhos, em que ambos buscam defender o seu ponto de vista em relação a sua pessoa. Pensando nessa idéia, Bakhtin (2002, p. 156), descreve da seguinte maneira: “É a mistura de duas linguagens sociais no interior de um único enunciado, é o reencontro na arena deste enunciado de duas consciências linguísticas, separadas por uma época, por uma diferença social”. Isso fica claro, se formos pensar no contraste em que a velha vivência dentro de uma sociedade capitalista em que, se considera o vigor, a jovialidade, a estética e a beleza como primordiais.

Quando pensamos sobre essa mistura de linguagens, precisamos levar em consideração o contexto em que está pautada a visão dos dois tipos de personagens no conto. Vemos que de um lado, tem-se uma visão voltada para a valorização da reflexão da velha, e do outro, temos uma visão modernista em que se preza pensar as coisas, não mais por uma questão moralista e, sim, buscar se realizar por meio de recursos que lhes possam proporcionar serem bem vistos, esteticamente falando. O que Lispector escreve literariamente, é a mediocridade social que aqueles seres ficcionais estão representando, percebemos que a voz desses personagens está inferindo uma voz social, e esta é uma ideia muito forte defendida por Bakhtin. Para estabelecermos essas relações temos que nos atentar em saber em que espaço o personagem está inserido e em quais caminhos esse personagem está transitando, não importa a questão que envolve os personagens e sim o que esses personagens podem ser representados socialmente.

Isso é uma característica do romance moderno em trazer nos personagens não mais uma representação de um povo heróico, mas sim mostrar que o homem comum pode fazer parte desse contexto, e além do mais, mostrar suas experiências de vida. E esse sujeito que está inserido nesse contexto, não é mais visto como um protótipo de herói para representar grandes feitos. No romance o personagem vai agir em detrimento de sua própria reflexão, ou seja, suas ações passam pelo crivo lógico do espaço íntimo buscando uma representação particular. Tratando sobre esse assunto, Walter Benjamin(1994) traz uma discussão sobre o fim desse herói clássico em detrimento da chegada do romance moderno. Ele discute que tanto aquele homem que sai para a guerra, pensando nos tempos clássicos, ou aqueles que ficam em sua pátria, ambos apresenta ricas experiências de vidas. Isso significa que o homem comum tem possibilidades de viver suas experiências e repassá-las sem precisar buscar ações grandiosas fora de sua pátria.

Isso sustenta a ideia de personagens na contemporaneidade, são criados para representarem uma realidade mais próxima de nós. Por isso nos identificamos em várias partes do conto com alguns personagens e conseguimos compreender o funcionamento de uma sociedade que está sendo representada por aqueles seres ficcionais. O que Lispector trata nesse conto é justamente uma questão que está muito próximo de nossa realidade, se levarmos em consideração, hoje o velho em muitas situações não é mais visto com bons olhos por nossa sociedade capitalista. Em contraposição, a escritora busca, através da literatura, nos fazer pensar sobre estes posicionamentos.

Não podemos também pensar que o conto é uma cópia fiel da sociedade. Isto já foi discutido por Aristóteles com a questão da verossimilhança, o filósofo trabalha este assunto descrevendo que, através da obra literária esses fatos poderiam ter acontecido, ou seja, é uma possibilidade de levar ao leitor a uma aproximação de sua vida real com o texto ficcional. Nesse sentido, o texto literário nos leva a usar nosso imaginário para perceber que o que está posto no texto pode ser algo que aconteceu no real, porém sem nenhum compromisso de reproduzi-lo tal qual é, entretanto nos possibilitar a identificarmos com os relatos que são expressos no texto literário. Sendo assim, a literatura nos condiciona a viver momentos que na vida real não conseguimos vivenciar, mas que através de nossa busca podemos nos completar e viver momentos diferentes e ao mesmo tempo refletindo sobre as questões que nos cercam.

### **Referências Bibliográficas**

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética*. Tradução reservados por Editora Hucitec. São Paulo: Annablume Editora, 2002.

LISPECTOR, Clarice. “Feliz Aniversário”. In: *Laços de Família*. Rio de Janeiro: ed. Rocco, 1998.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: ed. Martins Fontes, 2000.

BENJAMIN, Walter. “O narrador: Considerações sobre a obra de Nikilai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: ed. Brasiliense, 1994.

ADORNO, Theodor W. “Posição do narrador no romance contemporâneo”. In: *Notas de Literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

Citação de Benedito Nunes sem ano e paginação in:

[http://www.proec.ufg.br/revista\\_ufg/idoso/velhice.html](http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/idoso/velhice.html)